

ciência

Conclusão da epopéia

Pesquisadores da UnB organizam conclusão da expedição iniciada por Humboldt há 200 anos

CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA
da Sucursal de Brasília

Duzentos anos depois, uma das mais importantes expedições científicas realizadas na Amazônia será reeditada, graças a iniciativa interdisciplinar da Universidade de Brasília (UnB).

Na verdade, o roteiro original traçado pelo naturalista prussiano Alexander von Humboldt será executado pela primeira vez na sua totalidade agora, já que em 1800, ele foi impedido de entrar no Brasil e completá-lo.

O então governador do Pará (que na época comportava o território que agora é o Estado do Amazonas) o deixou seis meses esperando por uma resposta a seu pedido de visto de entrada no país, que resultou negativa.

Aparentemente, as autoridades portuguesas julgaram que, pelo fato de ter recebido permissão da Espanha para explorar a atual Venezuela, Humboldt poderia ser um agente espanhol.

As guerras napoleônicas perturbavam a Europa. Portugal e Espanha, que já haviam disputado a soberania da região amazônica brasileira, estavam em lados opostos; as desconfianças recíprocas eram grandes.

Humboldt foi vítima delas. Abandonou o projeto de seguir pelo rio Negro a viagem que iniciara pelo Orenoco. Foi para Cuba, depois os Andes, o México e os EUA, onde o presidente Thomas Jefferson o recebeu, junto com seu parceiro, o botânico Aimé Bonpland.

Por isso, o historiador Victor Leonardi, um dos líderes da nova expedição, diz que o país tem "uma dívida histórica a saldar" com Humboldt.

Combater a biopirataria

Mas ele e o biólogo Cesar Martins de Sá conceberam uma missão que não é passadista. "Estamos apontando para o futuro da Amazônia", dizem.

Os dois e mais 37 pesquisadores, inclusive de universidades da França, da Alemanha e da Áustria, irão, durante 71 dias, coletar material para estudos a serem desenvolvidos por muitos anos na UnB e outras entidades.

"Nosso objetivo é ocupar espaço, fazer pesquisa; essa é a melhor maneira de combater a biopirataria", diz Martins de Sá.

Por exemplo, pretendem cole-

tar fungos e bactérias a serem estudados em laboratórios nacionais que analisarão sua potencial utilização na geração de biomassa ou para o combate a várias enfermidades.

O cacau, que sustentou Humboldt e Bonpland quando suas provisões acabaram, será pesquisado para que se entenda por que na Amazônia ele convive bem com o fungo "vassoura-de-bruxo", que está destruindo os cacauzeiros da Bahia.

Amostras de saliva de morcego serão colhidas para que se comprove sua capacidade de agir como anticoagulante.

Em vez de canoas, utilizadas por Humboldt em sua expedição, os novos exploradores vão usar três modernos e bem equipados barcos, mais cinco botes a motor.

Para que o compromisso da expedição também seja com o presente, além do passado e do futuro, Leonardi e Martins de Sá ainda planejam assistir as populações ribeirinhas e indígenas e pesquisar causas e possíveis curas de doenças tropicais.

Mudança de data

O custo total do projeto está orçado em R\$ 687 mil. Metade da verba já está assegurada. Mas a outra metade, ainda não.

Os coordenadores, que pretendiam ter partido, como Humboldt, de Guiría, no Estado de Sucre, na Venezuela, no dia 22 de junho último, exatos dois séculos depois do prussiano, tiveram de adiar tudo por um ano, pela falta de dinheiro.

Mas dizem-se confiantes, agora, na possibilidade de obter o que lhes falta até junho próximo, a nova data de início.

Entre os produtos que devem resultar da missão, está a publicação, pela primeira vez em português, do livro que Humboldt escreveu sobre sua excursão pelo Orenoco, no qual dizia: "Meu desejo era difundir os países que visitei e divulgar os fatos próprios de uma ciência que está nos primórdios e que se designa de maneira difusa como física do mundo, como teoria da Terra ou como geografia física."

Também será editado um livro, de 600 páginas, com ensaios dos especialistas de diversas áreas do conhecimento (inclusive antropologia, astronomia, zoologia, ecologia) que participarão do projeto atual.



O naturalista Alexander von Humboldt (1769-1959), que há 200 anos veio para a América do Sul

Conferências de cada um deles serão gravadas a bordo para posterior disseminação por universidades brasileiras. Um vídeo de 56 minutos resumirá os trabalhos para um público maior, a ser atingido via televisão.

Como era da tradição das expedições científicas dos séculos 18 e 19, essa também terá a presença de artistas plásticos (no caso, Rômulo Andrade e Carlos Vergara), que depois terão seus trabalhos expostos no Brasil.

Humboldt viveu até os 90 anos. Morreu em 1859, em Berlim, cidade onde nasceu.

Produziu importantes trabalhos científicos, inclusive a muito ambiciosa série de livros "Kosmos", em que relata o conhecimento astronômico da época.

Mas seu nome ficou para sempre vinculado à Amazônia, que ele foi um dos primeiros a explorar com fins científicos.

A expedição retomada

